

ONIMUS (Jean). — *Réflexions sur l'Art Actuel*. Paris, Desclée de Bouwer, 1964. 120 p.

Um livro de arte, e em especial de filosofia da arte, é matéria um pouco inusitada e elitista entre nós. A obra em questão pode parecer velha, mas a sua validade nos parece dupla: em primeiro, porque seu autor, professor de Literatura Francesa na Universidade de Nice (França) e autor de inumeráveis outros livros sobre o mesmo assunto, é um especialista e ensinou nos Estados

Unidos e no Brasil (Porto Alegre e Recife), tendo uma obra traduzida para o português, *A Arte e a Vida*. Em segundo lugar, pela profunda atualidade com que o assunto se coloca num mundo em crise espiritual.

Não se trata simplesmente de uma mera história da arte. A obra tem um alcance muito mais ponderável, constitui-se de uma série de reflexões do autor sobre a atuação da arte dentro da sociedade, suas funções e manifestações. Ela implica na própria necessidade de revermos nossas concepções de arte e de sociedade perante uma realidade sempre mutável, mutação que questiona nossas concepções e valores e que não se produz senão mediante crises consideráveis.

No capítulo inicial — *La Culture contre la Civilisation* — encontram-se condensadas as idéias centrais, desenvolvidas depois segundo os seus aspectos filosóficos (a espiritualidade da arte), aspectos históricos (distinção entre arte moderna e primitiva) e aspectos concretos das proposições do autor mediante estudos do cinema, poesia, imageria religiosa e música concreta.

A arte atual representa, antes de tudo, a expressão da dificuldade de viver do artista. A arte se identifica com a vida psíquica na sua totalidade. Portanto, nesta medida, ela é universal e suprahistórica, porque mantém um fundo comum acima das estruturas históricas, que é o mundo íntimo. Daí o seu valor ontológico, pois este mundo íntimo é a existência mesma, inteiramente humana, por contraposição à existência meramente racional. O racionalismo, ao contrário, tal qual o entende o autor, é a existência criada pelos sábios, técnicos, homens de ação. Arte se identifica à cultura. Racionalismo se identifica à civilização.

A existência verdadeira mostra-se inacessível ao saber atual. Esta ruptura, porém, não existia anteriormente. A partir do positivismo, a arte pouco a pouco se separou da civilização e assumiu um papel contrário, de contestação, de retificação contra o mundo atual. O mundo criado pelo racionalismo, quando este é maximizado, tende ao irracionalismo em razão do espírito utilitário com que as coisas são encaradas. Contra esta razão fabricatriz que despersonaliza o homem, é que se volta a arte atual. Ela representa uma outra forma de conhecimento que escapa à forma de conhecimento com que estamos habituados, joga com sensibilidade e a imaginação. Denuncia uma civilização em vias de desumanizar-se, expressa a metamorfose humana. Ensaia em quebrar a fronteira entre o ser pensante e os elementos da natureza. Neste sentido, reveste-se de um profundo sentido moral e religioso. E porque precisamente luta contra uma realidade sofrida e absurda, inassimilável pelo intelecto, é que se torna agressiva, suscita escândalo. Esta arte "infeliz", que violenta o corpo da mulher, ignora o figurativismo e escolhe os materiais mais insólitos para o seu trabalho, capta e revela não simplesmente a harmonia e a beleza: revela muito mais a doença de uma civilização que, à força de insistir no antropomorfismo, separou o homem de si mesmo e desensinou o homem de sua necessidade vital de sonhar.

Esta a proposição da obra. Partindo de uma linguagem simples e poética, Onimus procura caracterizar o informalismo da arte atual, o porque dela ser taxada de agressiva, cruel, primitiva e abstrata e dos artistas serem marginali-

zados. Na demonstração de suas idéias, parte de um esquema dialético sociológico e filosófico. O primeiro jogo dialético se opera entre civilização e cultura, ao qual se liga o segundo jogo dialético, ao nível do indivíduo, entre seu espírito racional e seu espírito sensível. A seguir, distingue duas funções diferentes da arte, segundo níveis de referência diversos: uma função ontológica, de manifestar o espírito sensível do homem, e uma função histórica, atual, que é a de gritar contra a materialização do homem. Há na obra uma linha filosófica definida de rejeição do materialismo e do positivismo e uma ênfase na espiritualidade humana.

Sua análise crítica coloca muitas questões, sugere muitos caminhos, fruto que é de considerações de cunho sociológico, antropológico, psicológico e histórico. Entre os aspectos que alinhavamos aqui, é essencial compreender a historicidade da obra, isto é, a percepção real que o autor tem das tendências sociais do seu tempo no que elas se referem à existência humana e no que trazem para a arte contemporânea. Neste intento, ele mais uma vez se vale da dialética e aponta para o conceito de crise contra o conceito de estabilidade.

Tanto a estruturação interna da obra como as suas relações com outros domínios do conhecimento nos fornecem elementos suficientes para julgarmos da sua excelência. Sem dúvida há questões pendentes e formalmente talvez se exigisse algumas reparações — como, por exemplo, um índice crítico da bibliografia, para orientar aos interessados no assunto —, mas isso não constitui desdouro algum para a obra. Ela é tão rica de aspectos, mostrando um esforço interdisciplinar invejável, que um dos seus méritos é exatamente o de sugerir novos estudos sobre o assunto. Representa um diagnóstico e sugestão para a arte atual; uma filosofia da arte e um livro histórico pela noção nítida que tem do seu tempo. Por estes múltiplos motivos, recomendável a leigos e especialistas, a par de outras obras do mesmo autor.

ROSA MARIA GODOY SILVEIRA

* * *

*